

Sujeito, o lado oculto do receptor*

Miriam Schifferli Hoff

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Organizado por Mauro Wilton de Sousa, este livro é uma coletânea de artigos, resultante de um debate interdisciplinar realizado na Escola de Comunicação e Artes — USP, em outubro de 1991, com expositores ligados à Antropologia; Cinema, Rádio e TV; Psicologia; Publicidade e Propaganda; e à Sociologia.

Compõe-se de quatro partes, integradas por treze capítulos, antecedidos por sumário e apresentação, e seguidos por breves dados sobre a formação e/ou atuação profissional dos treze autores. A temática, explicitada na apresentação, abrange a comunicação nas sociedades contemporâneas — particularmente no Brasil e América Latina — com foco dirigido à problemática do receptor; à pesquisa na área, em seus aspectos teórico-metodológicos e na sua demanda de esforços interdisciplinares.

No conjunto dos seus dois capítulos (Sousa; Martín-Barbero), a parte I analisa, ao longo dos anos 50-80, o percurso das conceitualizações sobre comunicação, emissão e recepção. Sinaliza a transição para um novo enfoque com a superação — ainda que não absoluta — dos paradigmas funcionalista-positivista e marxista, para os quais a comunicação seria simples transmissão de informação, de significados prontos e concluídos, segundo um modelo de causalidade linear e direta (estímulo-resposta) que associa poder ao emissor e passividade ao receptor, uma vítima impotente das manipulações do primeiro. No novo enfoque, a comunicação configura-se como espaço de simbolização, com todo um jogo de mediações entre emissor e receptor, ambos componentes indissociáveis do processo. A recepção implica interação e negociação de significados, e o receptor coloca-se como sujeito ativo, produtor de sentidos.

Quanto à pesquisa da recepção, são discutidos vários elementos metodológicos derivados do novo enfoque; as mediações como objeto de estudo; o cotidiano de pessoas e grupos como contexto dos estudos; a diferenciação da vida social, com a proposta de pesquisa da recepção com a diferentes grupos sociais; a interdisciplinaridade como necessária à pesquisa dos condicionantes das relações sujeito-produções culturais. Descartando uma visão ingênua, Martín-Barbero alerta contra uma falsa idéia que poderia ser vinculada a este novo enfoque: a de um receptor onipotente que decidiria livremente quanto ao que consumir e como interpretar os produtos da mídia. Salienta que "... boa parte da recepção está de alguma forma, não programada, mas condicionada, orientada ... pela produção..." (p. 56).

A parte II busca mostrar o caráter ainda incipiente e polêmico da pesquisa interdisciplinar da recepção, seus três artigos testemunham esta asserção. Filiada ao enfoque inovador da comunicação, Borelli (cap. 3) discute diferentes concepções de 'gêneros ficcionais' e configura-os como modelos culturais integrantes da cultura de massa e da indústria cultural, e mediadores da relação com o real (p. 73). Sua análise aponta o estudo dos gêneros como um meio para a compreensão da relação produção cultural-recepção, compartilhando preocupações teórico-metodológicas sinalizadas na parte I.

Klagsbrunn (cap. 4), partindo de pesquisa sobre a TV Tupi no Rio de Janeiro/período de 1951-1963, analisa a transição dos teleteatros transmitidos ao vivo, para as primeiras novelas também ao vivo, até as primeiras gravadas em videoteipe. Destaca o papel da telenovela na consolidação da TV como meio de comunicação, a questão do receptor ficando apenas tangenciada. O capítulo 5 (Mendes) apresenta dados de duas pesquisas da Datafolha/1990 com telespectadores da cidade de São Paulo, focalizando índices de audiência, tempo de exposição diária à TV, comportamento durante os intervalos e a retenção de comerciais. Nenhuma interpretação dos

* SOUSA, M.W. de (Org.), (1995). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 231 p.

Endereço para correspondência: Instituto de Psicologia da PUCCAMP, Rua Marechal Deodoro, 1099, CEP 13020-001, Campinas, SP.

dados é oferecida e, pela natureza das pesquisas e considerações iniciais do autor, depreende-se como subjacente um modelo de efeitos lineares da comunicação.

Conforme seu título, os textos da parte III voltam-se à redescoberta e ao uso das mediações sociais, o que se espelha claramente nos capítulos 6 e 9. Fachel Leal (cap. 6) estuda uma telenovela das oito, da Globo, dada sua penetração diária junto a milhões de pessoas, fundamentando amplamente seu procedimento investigativo: recepção operacionalizada em ‘evento de fala’ (não só as mensagens televisivas, mas os comentários, gestos e reações dos espectadores), estudada em diferentes grupos sociais, na casa das próprias pessoas (operacionalização da noção de ‘cotidiano’) e uso do recontar algum trecho para fazer emergir diferentes significações, conforme diferentes sujeitos. Ainda que num plano só teórico, Jacks (cap. 9) dedica-se a um desdobramento da noção de ‘diferenciação da vida social’, discutindo os conceitos de mediadores culturais e a necessidade de sua incorporação nas pesquisas de recepção. Na linha de pesquisa de índices de audiência e pesquisa qualitativa de recepção, o capítulo 7 (Azambuja) apresenta dados sobre o público infanto-juvenil em relação ao discurso adulto na TV. Sua inserção nesta parte III parece advir de considerações sobre características da criança (pensamento, criticidade, sensibilidade ao real) que fazem dela um receptor ativo e não-passivo, que lida com outros mediadores — como a família — que não só a TV. O capítulo 8 (Balogh) analisa a novela Pantanal exibida pela TV Manchete e seu impacto na disputa por audiência entre as principais redes — diferentes estratégias de programação e contraprogramação, com mudanças na produção de mediadores. O impacto destas mudanças na recepção não chega a ser estudado, não ficando clara a inserção deste texto na Parte III.

A parte IV também tem as ‘mediações sociais’ como critério de reunião dos textos. O capítulo 10 (Kehl, fundado nas noções psicanalíticas de ‘princípio do prazer/de realidade’, busca demonstrar que a relação sujeito-real, enquanto mediada pelo discurso televisivo, apóia-se só no imaginário e é regulada pela ‘realização alucinatoria de desejos’, o que tornaria o pensamento desnecessário. A análise não se apóia em dados empíricos, vê o telespectador como um ser homogêneo, socioculturalmente descontextualizado (uma abstração), e dela se de-

preende o pressuposto de causalidade linear de efeitos na relação TV-sujeito. No capítulo 11, Adorno trata da violência como dissimulada pela imprensa, a qual privilegia a violência criminal em detrimento de outros tipos. Aponta convergências e divergências em relação a dados de pesquisa; concluindo haver uma “dramatização da violência” pela imprensa, pondera que “... a imprensa é uma expressão da opinião pública, ... da população ... (ela) não cria essa dramatização por sua livre e espontânea vontade” (p. 188). Tal idéia pode ser vista como forma de isentar o discurso jornalístico de qualquer ação com os leitores, o que significa a negação da sua condição de mediador cultural.

Inserindo-se no novo enfoque de comunicação, Fausto Neto (cap. 12) dedica-se exatamente ao alerta de Martín-Barbero: através de uma análise teórica e da análise do discurso da *Veja e Isto É*, sobre a Guerra do Golfo, busca mostrar que a construção de sentidos pelo receptor não é uma atividade livre, apontando estratégias de produção de mensagens e de captura/orientação da recepção. O capítulo final do livro (Ortiz), discutindo a problemática ‘modernidade — cultura mundializada’ e suas relações com culturas nacionais e locais, instiga reflexões sobre decorrências desta mundialização para a produção de mediações e a própria constituição da subjetividade.

Do conjunto dos textos destaca-se que sete focalizam a TV; dois a imprensa e quatro são de natureza geral. Uma limitação a ser apontada está na ausência de referências bibliográficas em cinco dos artigos (quase 40% deles), o que pode ser decorrência da simples transcrição de exposições do debate original; porém, não justifica a falta de revisão tendo em vista a publicação.

A obra é de interesse para todos que, pela atuação profissional, docente ou em pesquisa, vinculam-se à problemática da comunicação, seja pela atualidade dos temas, ou pela interdisciplinaridade das contribuições. Pela densidade das discussões e pelo leque de conceitos advindos de diferentes áreas, não é de fácil leitura. Neste sentido, a obra ressentese da ausência de um capítulo de fechamento, de conclusões, que ofereça ao leitor um balanço das convergências e divergências entre os vários artigos. Este balanço é deixado ao leitor e, embora desafiador, depende muito da sua familiaridade com a temática e da sua bagagem teórica.